

## **A IMPORTÂNCIA DA AUTONOMIA PARA A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA<sup>1</sup>**

### *THE IMPORTANCE OF AUTONOMY FOR THE ENGLISH LANGUAGE LEARNING*

**Dreison da Silva Martins<sup>2</sup> e Adriana Macedo Nadal Maciel<sup>3</sup>**

#### **RESUMO**

No presente trabalho, teve-se por objetivo buscar na autonomia uma possível forma de enfrentar as adversidades de ensino e aprendizagem encontradas ao longo do curso de Letras Português e Inglês do Centro Universitário Franciscano, a fim de sugerir aos acadêmicos uma maneira de superarem suas carências quanto à aprendizagem da língua inglesa. Para atingir os objetivos, foi realizada uma pesquisa quali-quantitativa que envolveu uma coleta de dados por meio de um questionário, realizada com trinta acadêmicos do curso de Letras Português e Inglês, bem como com os professores de língua inglesa do curso. Verificou-se que, em geral, os acadêmicos ainda são dependentes dos professores e carecem de uma postura mais autônoma. Dessa forma, é importante que eles desenvolvam a sua autonomia, pois assim, poderão ter um desempenho considerado melhor na aprendizagem da língua inglesa.

**Palavras-chave:** aprendiz, responsabilidade, motivação, atitude.

#### ***ABSTRACT***

*This paper had the objective of showing that autonomy is a possible way to face the adversities of teaching and learning English during the Language Major (Portuguese and English) at Centro Universitário Franciscano, thus suggesting the students a way to overcome their needs concerning the English Language learning. In order to achieve the aims of this paper, a quali-quantitative research was carried out involving a data collection by means of a questionnaire answered*

<sup>1</sup> Trabalho Final de Graduação - TFG.

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Letras - UNIFRA.

<sup>3</sup> Orientadora - UNIFRA.

*by thirty students of the Language Major (Portuguese and English) and also by the English Language teachers. It was verified that a great part of the students depend on teachers and that they also lack autonomous attitudes. Thus, in order that the students have a better performance in the English Language learning, the development of autonomy is very important. The objective of this paper is to search in the autonomy a possible way of supplying the adversities of teaching and learning found during the English and Portuguese Language Major at Centro Universitário Franciscano and, so, to assist the students to overcome their needs related to the English Language learning. In order to achieve the aims of this paper, a qualitative research was carried out involving a data collection by means of a questionnaire fulfilled with thirty students of the English and Portuguese Language Major and also with the English Language teachers. It has been verified that, in general, the academics are still dependant of the teachers and also need a more autonomous attitude. Thus, it is important that they develop their autonomy in order to have a performance considered better in the English Language learning.*

**Keywords:** *learner, responsibility, motivation, attitude.*

## INTRODUÇÃO

Um dos principais objetivos que boa parte dos alunos visa ao ingressar em um curso de Letras Português e Inglês é o desejo de aprender a língua inglesa, pois acreditam que o curso irá suprir todas as necessidades de aprendizagem em relação a esse idioma. Mas à medida que os semestres passam, os acadêmicos percebem que há muitos fatores que podem influenciar o processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa e que tornam esse objetivo mais difícil de ser alcançado.

Um dos fatores mais perceptíveis é o pouco tempo destinado ao ensino e à prática da língua inglesa em sala de aula, tendo em vista a gama de conteúdos, fundamentais à formação, previstas no currículo do curso. Constatam-se ainda que nem sempre as expectativas de aprendizagem são atendidas, uma vez que cada acadêmico tem as suas preferências e seus estilos de aprendizagem próprios.

Observa-se que, devido à heterogeneidade dos alunos quanto ao conhecimento da língua inglesa e ao número de alunos na turma, muitas vezes, as aulas têm um ritmo mais lento, especialmente no tocante à conversação. Além disso, algumas vezes, as atividades, os exercícios e os conteúdos propostos pelos livros utilizados em aula são insuficientes e/ou incompletos. Nesse sentido, torna-

se necessário não só consultar a bibliografia complementar sugerida pelo professor, como também buscar outras fontes de consulta.

Outro fator relevante a ser ressaltado é o conceito equivocado que muitos acadêmicos trazem do Ensino Médio e Fundamental acerca do papel do professor e do aluno. Nota-se nesses níveis escolares certo comodismo por parte dos alunos, os quais limitam-se a estudar apenas o que é proposto pelo professor em sala de aula. Isso decorre do pensamento errôneo de que o professor é o detentor do conhecimento, ao passo que o aluno é apenas um receptor.

Verifica-se, portanto, que boa parte dos alunos, quando ingressam na academia, precisa passar por um período de adaptação a uma nova realidade de ensino e aprendizagem, em que o aluno passa a ser também protagonista. Uma realidade em que o estudo complementar, os projetos e as pesquisas são bastante estimulados, o que requer do acadêmico um comportamento diferenciado em relação ao que ele tinha nos Ensinos Médio e Fundamental. Porém, muitas vezes, o aluno tarda a perceber o quanto o seu papel é relevante para o processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira.

Por todos os fatores apresentados, percebe-se que, se o acadêmico se comportar de forma passiva, apenas frequentando as aulas como um mero espectador, contentando-se somente com os conteúdos previstos no currículo, esperando que a instituição e os professores supram todas as suas necessidades, talvez, ele não atinja os seus objetivos. Nesse sentido, fica claro que, para alcançar o “sucesso”, o aluno precisa exercer um comportamento mais pró-ativo, assumindo maior responsabilidade pela sua aprendizagem. Portanto, constata-se que o sucesso na aprendizagem da língua inglesa está atrelado principalmente às atitudes autônomas do aprendiz.

Assim, o presente trabalho tem por objetivo buscar na autonomia uma possível forma de suprir as adversidades de ensino e aprendizagem encontradas ao longo do curso de Letras Português e Inglês do Centro Universitário Franciscano e, dessa forma, sugerir aos acadêmicos uma maneira de superarem suas carências quanto à aprendizagem da língua inglesa.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **AUTONOMIA**

O conceito de autonomia, no que concerne ao processo de ensino e aprendizagem, não é tão simples. Segundo Benson (1997, p. 29 apud PAIVA, 2006, p. 91), a autonomia é um “conceito complexo e multifacetado”. Dickinson

(1994, p. 4) é bastante enfático ao afirmar que a autonomia envolve a atitude e a responsabilidade por parte do aprendiz na tomada de todas as decisões a respeito da própria aprendizagem. É importante que o aprendiz tome as decisões acerca de sua aprendizagem, porém, isso não significa que ele não possa solicitar auxílio.

Segundo Scharle e Szabó (2000, p. 4), “a autonomia do aprendiz envolve o direito de tomar decisões, o que requer habilidade e liberdade para monitorar seus próprios conteúdos”. Holec define autonomia como “a capacidade de se responsabilizar pela própria aprendizagem” (HOLEC, 1981, p. 3 apud PAIVA, 2006, p. 82). Porém, para Paiva, a autonomia vai além de assumir a responsabilidade pela própria aprendizagem. A autora define a autonomia como:

Um sistema sócio-cognitivo complexo, que se manifesta em diferentes graus de independência e controle sobre o próprio processo de aprendizagem, envolvendo capacidades, habilidades, atitudes, desejos, tomadas de decisão, escolhas, e avaliação tanto como aprendiz de língua ou como seu usuário, dentro ou fora da sala de aula (PAIVA, 2006, p. 88).

Verifica-se, com base nessas definições, que a autonomia está atrelada à responsabilidade do aprendiz pela tomada de decisões, à liberdade de escolha, ao controle pela própria aprendizagem, à autoavaliação e à atitude. A autonomia, portanto, está diretamente relacionada ao processo de aprendizagem. Para Paiva (2006, p. 78), a autonomia é parte importante do processo de aprendizagem, pois “é ela que faz com que o aprendiz seja o agente de sua própria aprendizagem e não um objeto que se plasma de acordo com as imposições dos métodos e do professor”.

Segundo Leffa (2003, p. 15), “a aprendizagem que realmente interessa, aquela que não é apenas reprodução do que já existe, mas criação de algo novo, de progresso e avanço, só é possível com autonomia”. Scharle e Szabó (2000, p. 4) consideram que, para obter sucesso na aprendizagem de uma segunda língua, algum grau de autonomia é essencial. Paiva (2006, p. 94) reforça essa ideia, destacando que a autonomia é um fator fundamental para a aprendizagem de uma segunda língua:

Ouso dizer que a autonomia é essencialmente parte da ASL<sup>4</sup> porque ela é responsável por um aspecto essencial do sistema complexo - a auto-organização. A autonomia do

---

<sup>4</sup>Aquisição de uma Segunda Língua.

aprendiz pode auto-organizar a aquisição, pois os processos cognitivos e algumas escolhas de aprendizagem dependem dos aprendizes, mesmo quando eles estão sob pressão de ambientes educacionais muito controlados (PAIVA, 2006, p. 92).

Porém, a autonomia pode sofrer algumas interferências. Dickinson (1987 apud PAIVA 2006, p. 81) afirma que fatores como decisão de aprender, método de aprendizagem, ritmo, tempo/local, materiais, monitoramento, avaliação interna e externa influem no processo de desenvolvimento da autonomia. Além desses, Paiva (2006, p. 81) acrescenta outros fatores que afetam a autonomia. São eles: características do aprendiz, professores, tecnologia, legislação educacional e aspectos culturais, econômicos e políticos. Leffa (2003, p. 7) aponta que a autonomia enfrenta três restrições de ordem prática: as restrições relacionadas aos alunos, aos professores e às escolas.

Por tudo isso, constata-se que a autonomia tem uma grande influência na aprendizagem, especialmente na aprendizagem de uma segunda língua. Percebe-se ainda que a autonomia sofre a interferência de muitos fatores, tanto positivos como negativos, o que pode restringir o seu desenvolvimento. Nesse sentido, aumenta a importância do papel do aprendiz, pois para superar as interferências negativas é imprescindível que ele exerça um comportamento diferenciado.

## O PAPEL DO APRENDIZ

Freire (1996, p. 124) declara que o papel do aprendiz é importante para o processo de aprendizagem quando discorre sobre a necessidade de o educando assumir o papel de sujeito da produção de sua inteligência e não apenas o de receptor daquilo que é transmitido pelo professor. Harmer (2007, p. 21) afirma que os alunos devem estar preparados para assumir o esforço, tornando-se aprendizes mais ativos. Do contrário, é provável que eles obtenham menos sucesso.

Leffa (2003, p. 9) é veemente ao afirmar que, na aprendizagem autônoma, o aluno é o principal responsável pela sua aprendizagem, e, se ele aprendeu, o mérito é dele. O autor afirma ainda que, “excetuados os casos de imersão, só é possível aprender uma língua estrangeira se o aluno for autônomo. Se não for assim, ele vai ficar apenas no que é dado na sala de aula, e isso não basta para adquirir o domínio de uma língua” (LEFFA, 2003, p. 8).

Observa-se que, para o aprendiz desenvolver a autonomia, é necessário que ele tenha responsabilidade. Scharle e Szabó (2000, p. 4) afirmam que a autonomia e a responsabilidade demandam um envolvimento ativo e que estão aparentemente

muito relacionadas. Para as autoras, o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade envolve fatores como motivação e autoconfiança, monitoramento e autoavaliação, estratégias de aprendizagem, cooperação e coesão de grupo.

Wenden (1991, p. 53) considera que para desenvolver a autonomia, duas atitudes são cruciais para os aprendizes: disposição para assumir responsabilidades e confiança em suas habilidades como aprendizes. Observa-se que o aprendiz torna-se um elemento importante para o seu processo de aprendizagem, pois é a partir de sua atitude, de sua habilidade e motivação, que ele estará contribuindo para o desenvolvimento da autonomia.

Porém, Paiva (2005) afirma que, dificilmente, os alunos estarão livres da interferência de fatores externos, que se tornam empecilhos para o desenvolvimento da autonomia. Paiva (2009, p. 97) considera que fatores como personalidade, capacidade, habilidades, inteligências, estilo de aprendizagem, atitude, estratégias de aprendizagem, motivação, desejo de aprender, desejo de comunicar, senso crítico, cultura, crenças, idade, liberdade, independência, afiliação ao idioma, confiança, responsabilidade e experiências prévias, podem interferir, positiva ou negativamente, na autonomia de um aprendiz.

Scharle e Szabó (2000, p. 5) declaram que “traços de personalidade, estilos de aprendizagem e atitudes culturais limitam o desenvolvimento da autonomia”. Segundo Paiva; Braga (2008, p. 16),

[...] os agentes que constituem um sistema autônomo, como estilos de aprendizagem, motivação, responsabilidade pela própria aprendizagem, controle do conteúdo e aprendizagem, entre outros, todos interagem entre eles próprios e com outros sistemas e práticas sociais. A partir dessas interações, surgem padrões, capazes de influenciar positivamente ou negativamente o processo de autonomia do aprendiz.

Nesse sentido, a autonomia é entendida como “um processo em constante movimento, especialmente quanto às ações, reações e mudanças que podem ocorrer com o tempo” (PAIVA; BRAGA, 2008, p. 9). Freire (1996, p. 107) também afirma que a autonomia é um processo mutável, ou seja, não ocorre em data marcada.

Nota-se que o aprendiz tem um papel extremamente relevante para o desenvolvimento da autonomia. Embora haja inúmeros fatores externos e internos que podem interferir nesse desenvolvimento, pode-se afirmar que, somente a partir de suas atitudes, de sua responsabilidade, autoconfiança e motivação é que o aprendiz poderá superar as adversidades e, assim, desenvolver a sua autonomia.

## MOTIVAÇÃO, AUTOCONFIANÇA E RESPONSABILIDADE

Scharle e Szabó (2000, p. 4) fazem referência a um ditado popular, o qual diz “você pode trazer o cavalo até a água, mas não pode fazê-lo beber”. Significa dizer que o aprendiz pode ter todas as condições possíveis e favoráveis à sua aprendizagem, porém, se ele não desejar, não irá aprender. “O desejo de alcançar algum objetivo é a base da motivação e, se ela for forte o bastante, provoca a decisão de agir” (HARMER, 2007, p. 20). Para Ellis (1997, p. 75), o grau de esforço que os aprendizes dispõem para aprender é influenciado pela motivação, que envolve atitudes e estados afetivos.

“A motivação é um importante e complexo subsistema embutido no sistema de aquisição de uma segunda língua no qual age como uma força sensível em qualquer processo de aprendizagem” (PAIVA, 2009)<sup>5</sup>. A autora compreende a motivação como “uma força dinâmica envolvendo o fator social, afetivo e cognitivo, manifestados em desejo, atitudes, expectativas, interesses, necessidades, valores, prazer e esforços” (PAIVA, 2009)<sup>5</sup>.

Segundo Scharle e Szabó (2000, p. 7), a motivação é um pré-requisito para a aprendizagem e para o desenvolvimento da responsabilidade. Porém, as autoras ratificam que nem todo o tipo de motivação é ideal. Segundo elas, os aprendizes devem estar intrinsecamente motivados, pois dessa maneira eles conseguem identificar os objetivos da aprendizagem, o que os torna mais dispostos a assumir a responsabilidade pelo resultado. Com relação à motivação extrínseca, elas afirmam que as recompensas e punições também podem estimular a aprendizagem, porém elas aumentam a dependência do aprendiz.

“Uma das melhores maneiras de ajudar tanto crianças como adultos a pensar e aprender é libertá-los do controle das recompensas e punições” (BRUNER, 1966b apud BROWN, 2007, p. 174). Brown critica o comportamento extrínseco, ao afirmar que:

Uma das principais fraquezas do comportamento impulsionado extrinsecamente é a sua natureza viciante. Uma vez presos pela sedução de um prêmio ou elogio imediato, nossa dependência nessas recompensas aumentam, até mesmo ao ponto de extinguir o desejo de aprender, se elas forem retiradas (BROWN, 2007, p. 174).

---

<sup>5</sup>O artigo encontra-se disponível na página eletrônica da pesquisadora e não está paginado.

Brown (2007, p. 168) alega que muitos estudiosos acreditam que o sucesso ou fracasso na aprendizagem de uma segunda língua tem relação com a motivação e, segundo ele, há vários estudos que mostram que a motivação é a chave para a aprendizagem em geral. Portanto, nota-se que a motivação é um atributo muito importante para o desenvolvimento da autonomia do aprendiz, e conseqüentemente para a sua aprendizagem. Mas para que isso ocorra, é importante que o aluno converta sua motivação em ação, em atitude. Assim, ele poderá realmente alcançar seus objetivos.

Não menos importante que a motivação, a autoconfiança dos aprendizes apresenta-se como um atributo significativo para o desenvolvimento da autonomia. Scharle e Szabó (2000, p. 7) apontam que a autoconfiança contribui para o desenvolvimento da responsabilidade e da autonomia, pois os aprendizes devem acreditar que eles são capazes de gerenciar sua própria aprendizagem, confiando neles próprios, e não apenas no professor.

Para Freire, a decisão está associada à responsabilidade. Segundo o autor, “faz parte do aprendizado da decisão a assunção das conseqüências do ato de decidir”. Nesse sentido, entende-se que, para decidir, é necessário que o aprendiz não só confie em si mesmo, mas também assuma a responsabilidade pela sua aprendizagem. Percebe-se que, a motivação, a autoconfiança e a responsabilidade, são atributos importantes para o desenvolvimento da autonomia, pois estimulam os aprendizes a tomarem uma atitude mais ativa, menos dependente e, portanto, os auxiliam a superarem as dificuldades impostas pela aprendizagem da língua inglesa.

## ESTILOS DE APRENDIZAGEM E MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS

Paiva (2009) afirma que, por mais que os professores planejem suas aulas, os alunos terão reações diversas, devido principalmente aos diferentes estilos de aprendizagem, e acontecimentos inesperados fatalmente farão parte de suas experiências de aprendizagem. De acordo com O'Malley e Chamot (1990, p. 163), o estilo de aprendizagem envolve a abordagem perceptiva da pessoa para aprender e a maneira como ela age em relação à tarefa. “Os modos de aprendizagem preferidos pelos aprendizes podem influenciar todas as suas inclinações para aprender uma tarefa e o tipo de *input* (por exemplo, falado ou escrito) que eles acham mais fácil de trabalhar” (ELLIS, 1997, p. 73). Para Paiva (2007, p. 13),

Os estilos de aprendizagem são como nossas mãos, apesar de usarmos uma delas com mais frequência, usamos também a outra em outras tarefas ou para dar suporte à mão de nossa preferência. Assim as pessoas têm seus estilos de



temperamento, de percepção e de cognição preferidos, mas isto não quer dizer que são incapazes de usar os outros.

Brown (2007, p. 129) aponta que os estilos de aprendizagem dos aprendizes não são características imutáveis, mas sim preferências de abordagem, e por isso os aprendizes podem se adaptar a uma variedade de contextos e situações. Gardner (1995) afirma que nem todas as pessoas têm os mesmos interesses e habilidades e que nem todos aprendem da mesma maneira.

Gardner, idealizador da Teoria das Múltiplas Inteligências, propôs sete tipos de inteligências: Lógico-Matemática (capacidade de raciocínio e de uso de números); Linguística (habilidade no uso da linguagem oral ou escrita); Musical (sensibilidade ao ritmo, ao tom e à melodia); Espacial/Visual (sensibilidade à forma, espaço, cor); Corporal/Sinestésica (habilidade para expressar idéias e sentimentos com o corpo); Interpessoal (habilidade para entender o outro) e Intrapessoal (habilidade para entender a si mesmo). Segundo o autor, os seres humanos são dotados de cada uma dessas inteligências, porém em graus variados.

Gardner (1995, p. 14) define inteligência como “a capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais ou comunitários”. Para o autor, as inteligências seriam um conjunto de capacidades, talentos ou habilidades mentais e, que as diversas inteligências humanas, bem como suas combinações devem ser estimuladas e reconhecidas.

Para Harmer (2007, p.16), “os estilos de aprendizagem e as múltiplas inteligências (dos seus diferentes pontos de vista) mostram que qualquer sala de aula comportará um número de diferentes indivíduos com diferentes estilos de aprendizagem e preferências”. Brown (2007, p. 129) afirma que:

As pesquisas sobre os estilos de aprendizagem nos incitam, como professores, a ajudar os estudantes antes de tudo a assumirem o controle do seu processo de aprendizagem da língua - a tornarem-se aprendizes autônomos, e então tornarem-se conscientes de seus estilos, preferências, pontos fortes e fracos, e por último, a agirem de forma apropriada nos desafios da sua aprendizagem da segunda língua.

Percebe-se que a autonomia é relevante para o processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa, pois ela auxilia os aprendizes a identificarem os seus estilos de aprendizagem, assim como as suas inteligências. Dessa forma, os alunos podem otimizar seus estudos e, como consequência, estimular a sua aprendizagem.

## ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM

Pode-se observar que atributos como responsabilidade, autoconfiança, motivação, atitude, dentre outros, são imprescindíveis para o desenvolvimento da autonomia nos aprendizes. E para que eles adquiram esses atributos, uma ferramenta torna-se importante: a utilização de estratégias de aprendizagem.

Estratégias de aprendizagem são aqueles “ataques” específicos que fazemos em um problema dado, e que oscila consideravelmente de indivíduo para indivíduo (BROWN, 2007, p. 132). Wenden (1991) define as estratégias como atitudes mentais específicas que os aprendizes utilizam para aprender. Para O’Malley e Chamot (1990, p. 52),

Estratégias de aprendizagem são procedimentos complexos que os aprendizes empregam em tarefas; consequentemente podem ser representados por etapas do conhecimento da aprendizagem. Assim como as habilidades processuais em diferentes etapas da aprendizagem, as estratégias podem ser conscientes nas etapas iniciais e após, podem ser empregadas sem a consciência do aprendiz.

Conforme classificação de O’Malley e Chamot (1990, p. 44), as estratégias diferenciam-se em três categorias: estratégias cognitivas, estratégias sócio-afetivas e estratégias metacognitivas. As estratégias metacognitivas podem ser as que estão mais ligadas ao desenvolvimento da autonomia dos aprendizes, pois envolvem a reflexão sobre o processo de aprendizagem, planejamento, monitoração durante o processo de aquisição, e autoavaliação da aprendizagem, atributos essenciais da autonomia. Percebe-se, então, que a utilização de estratégias pelos aprendizes os auxilia na aprendizagem de uma língua.

Scharle e Szabó (2005, p. 8) certificam que as estratégias de aprendizagem podem auxiliar no aperfeiçoamento da competência da língua e, para que os aprendizes sejam responsáveis por essa competência, é necessário que eles estejam conscientes da importância das estratégias. Ellis (1997) afirma que as estratégias de aprendizagem são técnicas que os aprendizes utilizam para aprender uma segunda língua. Observa-se que as estratégias podem auxiliar os aprendizes desde que estes as utilizem.

Segundo alguns autores, as estratégias de aprendizagem são pré-requisitos para o desenvolvimento da autonomia. Brown (2007, p. 230) afirma que

desenvolver nos aprendizes um senso de autonomia requer o uso de estratégias de aprendizagem. “As estratégias de aprendizagem devem ser incluídas nos planos de estudo dos aprendizes, pois, desta forma, os ajudará a tornarem-se mais autônomos” (WENDEN, 1991, p. 29).

Para que os aprendizes desenvolvam a autonomia, ou seja, para que eles possam assumir uma maior responsabilidade pela sua aprendizagem, tenham atitude pró-ativa, avaliem o seu próprio desempenho e se motivem, eles necessitam de muitos subsídios. Nesse sentido, a utilização de estratégias de aprendizagem os auxilia na consolidação desse objetivo e, por conseguinte, facilita o processo de aprendizagem de uma segunda língua.

## O PAPEL DO PROFESSOR

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47). Nesse sentido, percebe-se o professor como um facilitador da aprendizagem. Paiva (2009, p. 35) reitera que o professor não é responsável pela aprendizagem do aluno, mas pode ajudá-lo a ser mais autônomo. Segundo Leffa (2003, p. 10):

Na aula autônoma qualquer pergunta pode aparecer e o professor obviamente não tem a obrigação de saber todas as respostas. Seu papel é realmente o de facilitador da aprendizagem, ajudando o aluno a desenvolver sua autoconfiança, a se tornar ainda mais autônomo e ficar menos dependente dele, professor.

Scharle e Szabó (2000, p. 4) apontam que, para estimular a autonomia dos aprendizes, os professores precisam desenvolver um sentido de responsabilidade e, além disso, encorajar os aprendizes a serem ativos na tomada de decisões sobre a sua aprendizagem. Paiva (2009, p. 35) afirma que o professor contribuirá para atitudes mais autônomas dos alunos modificando as relações de poder. Harmer (2007, p. 21) aponta que os alunos podem gradualmente tornarem-se autônomos conforme se acostumam a fazer as atividades por conta própria ou exercícios em casa.

“À medida que os estudantes começam a assumir o controle pela sua aprendizagem, o professor precisa assumir o papel de facilitador ou conselheiro em considerável número (e tipos) de situações de aula” (SCHARLE; SZABÓ, 2000, p. 5). Consoante com essa afirmação, Paiva (2005) declara que, em uma aprendizagem autônoma, o professor deve agir como um facilitador e conselheiro.

“O professor pode contribuir para formar aprendizes mais bem sucedidos e autônomos, incentivando-os a se responsabilizarem por sua aprendizagem e conscientizando-os dos processos cognitivos” (PAIVA, 2009, p. 68). Dickinson (1994, p. 7) sugere que o professor pode facilitar o desenvolvimento da autonomia dos aprendizes legitimando a sua independência, persuadindo-os de que são capazes de aprenderem independentemente e ensinando-os como aprender.

Porém, Scharle e Szabó (2000) advertem que, no ensino de línguas, os professores podem propiciar todas as circunstâncias necessárias e *inputs*, mas a aprendizagem somente irá acontecer se os aprendizes estiverem dispostos a contribuir. Harmer (2007) afirma que, por mais que o professor fomente a motivação dos alunos, ele apenas os encoraja pela palavra e intenção, oferecendo suporte e direção.

Portanto, percebe-se que o professor pode contribuir de maneira eficaz para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, incentivando-os, orientando-os e fornecendo o suporte necessário. Todavia, o aprendiz também tem uma grande, senão a maior, responsabilidade pela sua aprendizagem, pois é o seu comportamento, a sua conduta que vai definir o seu sucesso, mesmo que não haja suporte do professor.

## O CONTEXTO

De acordo com Paiva (2006), o contexto pode encorajar o desenvolvimento da autonomia, ou impedi-la. Por considerar a autonomia um sistema complexo, a autora acredita que o aprendiz, o professor, a instituição, o material, o contexto social e político, a legislação e a tecnologia são elementos cruciais que influem decisivamente no desenvolvimento da autonomia. Todos esses elementos fazem parte do contexto escolar, ou têm influência sobre ele. Nesse sentido, Paiva acredita que as escolas poderiam incentivar os alunos a desenvolverem a autonomia. Todavia, por mais que a escola exerça um papel importante, ela pode não ser o fator determinante para o fracasso de um aluno. A respeito do ensino formal, Leffa discorre:

Mesmo que o aluno aprendesse tudo que a escola ensina, nos três níveis, fundamental, médio e universitário, mesmo que tirasse nota máxima em tudo, mesmo assim, se ficasse só no conhecimento recebido da escola, esse aluno ao se formar lá no fim da universidade, não estaria de modo algum preparado para exercer uma profissão. O ensino formal não tem condições de ensinar tudo que o aluno precisa saber (LEFFA, 2003, p. 14).

Com todos os empecilhos a que os alunos podem se deparar no ensino formal, os meios de tecnologia podem ser uma ferramenta extremamente importante para o desenvolvimento da autonomia, e conseqüentemente para aprendizagem, especialmente de uma segunda língua. Paiva (2006) cita alguns exemplos de meios que contribuem para isso, como material impresso, fotocópias, dicionários, recursos visuais, gravadores, laboratórios de línguas, vídeos, computadores, internet, softwares, recursos *on-line*, máquinas de tradução, *corpora* digitais, DVDs, e CD-rooms.

Desses meios de tecnologia, o computador, aliado à internet, talvez seja uma das ferramentas mais completas e eficazes para o processo de aprendizagem, especialmente de uma segunda língua.

O computador é uma ferramenta extremamente versátil, com enorme capacidade de adaptação; pode ser usado para inúmeras tarefas, tanto no trabalho como no lazer, tanto na educação como na pesquisa. É na educação, porém, que se reflete mais sobre essa versatilidade, principalmente em termos do papel que o computador deve desempenhar (LEFFA, 2006, p. 15).

As possibilidades de aprendizagem que o computador pode propiciar aos alunos são inúmeras. Existem centenas de *softwares* com áudio e vídeo, dicionários eletrônicos, textos em mídia, jogos, dentre outras ferramentas, que podem servir de material extra para que o aluno desenvolva a autonomia. Através da internet, o aluno também pode interagir com pessoas de qualquer parte do mundo, trocar informações, acessar *sites* especializados, *blogs*, etc.

Constata-se, portanto, que o contexto no qual os alunos estão inseridos pode exercer uma influência positiva ou negativa no desenvolvimento da autonomia. E para que a influência negativa seja superada, o aluno deve ser o fator diferencial, pois somente a partir de sua atitude, responsabilidade, criatividade e motivação, ele poderá encontrar subsídios que o auxiliem na superação das dificuldades que são impostas.

Dentre alguns subsídios, verifica-se que os meios de tecnologia podem ser um grande aliado no processo de ensino e aprendizagem da língua alvo. Através deles, os aprendizes podem preencher as lacunas do ensino formal, da escola, do professor e deles próprios. Cabe ressaltar que, para que esses meios sejam realmente efetivos, é necessário que os alunos usufruam ao máximo do que eles oferecem, porém, de maneira adequada.

## **METODOLOGIA**

Para atingir os objetivos deste trabalho, realizou-se uma pesquisa quali-quantitativa. A pesquisa quantitativa envolveu uma coleta de dados por meio de um questionário que visou identificar, nos acadêmicos do curso de Letras Português e Inglês do Centro Universitário Franciscano, alguns atributos ligados ao desenvolvimento da autonomia.

Um dos métodos escolhidos para alcançar os objetivos almejados é o experimental, que inclui a técnica do estudo de caso e o procedimento de coleta de dados, que será descrito a seguir: o questionário contém perguntas discursivas e objetivas, através das quais se buscou traçar um perfil dos acadêmicos do 3º, 5º e 7º semestre do curso de Letras Português e Inglês, no que tange às suas atitudes autônomas, bem como identificar se o contexto de ensino e aprendizagem e professores propiciam condições favoráveis para o desenvolvimento da autonomia.

O questionário foi aplicado em maio de 2010, e trinta alunos responderam a perguntas como: Qual o seu objetivo com relação à aprendizagem da língua inglesa? Você tem estudado o suficiente para atingir esse objetivo? Qual é a sua motivação em aprender a língua inglesa? Você tem consciência daquilo que precisa estudar/praticar mais na língua inglesa, e caso tenha, qual é a sua atitude? Em geral, para que você aprenda um conteúdo/assunto, qual é a sua dependência em relação ao professor? As atividades propostas pelo professor atendem às suas expectativas de ensino/aprendizagem, e caso negativo, qual é a sua atitude? Quem tem a maior responsabilidade pelo seu sucesso (ou fracasso) na aprendizagem da língua inglesa? O que é ser um aprendiz autônomo? Você se considera um aprendiz autônomo?

A fim de obter maior precisão e nos resultados acerca do perfil dos acadêmicos, do contexto e do papel docente, dois professores de língua inglesa também foram questionados. Por fim, houve a análise e interpretação das repostas obtidas no questionário respondido pelos alunos e professores com base no referencial teórico dessa pesquisa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **AS RESPOSTAS DOS ACADÊMICOS**

A partir da análise dos dados realizada com base nas respostas do questionário, buscou-se traçar um perfil dos alunos do curso com relação a atributos

ligados ao desenvolvimento da autonomia, como: responsabilidade, autoconfiança, estilos de aprendizagem, autoavaliação, motivação, atitude e utilização de estratégias de aprendizagem. Buscou-se, ainda, identificar se o contexto de ensino e aprendizagem, bem como os professores, propiciam condições favoráveis para o desenvolvimento da autonomia.

A primeira pergunta foi sobre o principal objetivo dos alunos com relação à aprendizagem da língua inglesa. 33% dos alunos responderam que querem ser professores de língua inglesa; 27% pretendem se tornar proficientes na língua inglesa; 13,5% objetivam conseguir um bom emprego; 13,5% desejam conhecer outras culturas e 10% responderam que querem ser tradutores. Apenas um aluno respondeu que tem outro objetivo, mas não o mencionou. Entretanto, apenas 47% dos alunos afirmaram que têm estudado o suficiente para atingir seu objetivo e 53% declararam que não têm estudado o suficiente.

Verifica-se que a maioria não tem estudado o suficiente para atingir seu objetivo e esse resultado é reforçado pelas respostas das questões três e sete. (ver apêndice). 43% dos alunos responderam que o tempo destinado ao ensino da língua inglesa em sala de aula não é suficiente para a sua aprendizagem e prática; 47% marcaram o item “em parte” e apenas 10% responderam que o tempo é suficiente.

Essa constatação dos acadêmicos acerca do tempo destinado ao ensino da língua inglesa em sala de aula deveria estimulá-los a destinar uma boa quantidade de tempo para o estudo da língua inglesa extraclasse. Porém, não é o que se verifica no resultado da questão três, em que 23% dos alunos responderam que dedicam menos de 1 hora semanal para o estudo da língua inglesa em casa; 33% afirmaram que estudam de 1 a 2 horas; 13% estudam de 2 a 3 horas; 17% dedicam de 3 a 4 horas para o estudo da disciplina e 17%, mais que 4 horas semanais.

Talvez esses resultados possam deixar transparecer que falta motivação aos alunos para aprender a língua inglesa. Todavia, apenas 13% dos alunos responderam que estão pouco motivados. Trinta e sete por cento responderam que estão motivados; 27% se consideram extremamente motivados e 23% declararam estar muito motivados. Estar motivado e ter consciência daquilo que é necessário para o processo de aprendizagem são atributos importantes para o desenvolvimento da autonomia.

Para Freire (1993, p. 93), “decidir é romper e, para isso, é preciso correr o risco”. Mas para que o aluno tenha coragem para decidir e assumir riscos, é necessário que ele tenha autoconfiança, que é um atributo extremamente relevante para o desenvolvimento da autonomia. Na questão seis, 80% dos alunos responderam que têm confiança na sua capacidade de aprender a língua inglesa e 20% declararam que têm pouca confiança.

No entanto, de acordo com a questão quinze, observa-se que um número

considerável dos acadêmicos julga-se dependente do professor para aprender um conteúdo/assunto. 41% responderam que são dependentes do professor; 41% afirmaram ser pouco dependentes; 10% declararam ser totalmente dependentes e 8%, bastante dependentes. É interessante, portanto, que esses alunos busquem subsídios para suprir a ausência do professor, pois ele estará, na maioria das vezes, disponível apenas em sala de aula.

Nesse sentido, os meios de tecnologia podem auxiliar de forma significativa os acadêmicos a se tornarem menos dependentes do professor e, conseqüentemente, desenvolver sua autonomia. De acordo com o questionário, observa-se que a maioria dos alunos possui em casa computador com acesso à internet. Segundo Paiva (2006), esses meios podem auxiliar os aprendizes a exercerem sua autonomia em busca de material extra e de oportunidade de interação.

As questões de número oito e nove estão relacionadas à autoavaliação dos alunos e a questão dez, à atitude e responsabilidade (ver apêndice). 50% dos acadêmicos consideram que o seu desempenho na língua inglesa é bom; 17% o consideram excelente; 13% declararam ter um desempenho muito bom; 13%, um desempenho regular e 7% acreditam que seu desempenho é ruim.

Com relação à questão nove, 80% dos alunos responderam que têm consciência daquilo que precisam estudar/praticar mais na língua inglesa, entretanto, apenas 63% afirmaram que buscam sanar essas dificuldades; 30% marcaram o item “em parte” e 7% responderam que não tomam nenhuma atitude para solucionar seus problemas de aprendizagem. Brown (2007) afirma que é muito importante para a autonomia dos aprendizes que eles tornem-se conscientes do próprio processo de aprendizagem. Contudo, ele reitera que estar consciente será inútil se não houver ação. Portanto, é necessário atitude e responsabilidade.

A autoavaliação é um atributo importante para o desenvolvimento da autonomia, pois os alunos precisam aprender a identificar as suas deficiências de aprendizagem, para então, buscarem os recursos necessários e adequados às suas necessidades. Isso é importante também, pois nem sempre os livros sugeridos pelo professor irão satisfazer as carências dos acadêmicos. Nesse sentido, 63% responderam que utilizam outras fontes de consulta, materiais, etc. que sejam de sua escolha; 34% declararam que às vezes utilizam e 3%, não utilizam.

A escolha dos materiais, fontes de consulta pelos alunos é relevante também, pois os aprendizes possuem estilos de aprendizagem distintos. Prova disso são os resultados das questões onze, doze e dezessete. Com relação às atividades de ensino trabalhadas em aula, 20% dos alunos responderam que preferem atividades com música; 17%, atividades com filmes e vídeos; 17% preferem atividades de leitura e interpretação de texto; 13% declararam gostar



de conversação em duplas; 10% apreciam exercícios de gramática; 10% têm preferência por apresentações orais; 7% gostam de atividades de escrita; 3% afirmaram gostar de jogos e 3%, de outras atividades.

Percebe-se que há uma grande variedade nas preferências dos acadêmicos pelas atividades de ensino em sala de aula. Nesse sentido, 53% responderam que as atividades propostas pelo professor atendem às suas expectativas e/ou preferências de ensino/aprendizagem na maioria das vezes; 33% responderam que isso acontece às vezes; 7% afirmaram que sempre suas expectativas são atendidas e outros 7% responderam que isso se dá poucas vezes. Esse resultado demonstra que por mais que o professor prepare muito bem uma atividade, ela não será suficiente para que a aprendizagem dos alunos seja completa, devido aos diferentes estilos de aprendizagem. É necessário, portanto, que o aluno busque alternativas para preencher essas lacunas.

Segundo Leffa (2003, p. 9), para que haja autonomia, tem que haver também empenho do professor. Assim, o professor deve proporcionar condições para que os alunos a desenvolvam. 70% dos acadêmicos responderam que os professores os incentivam a estudar os conteúdos, buscar outras fontes de consulta e realizar pesquisas; 23% marcaram o item “em parte” e 7% responderam que não. Porém, com relação às atividades extraclasse, 43% responderam que quase sempre realizam as atividades que são propostas pelo professor para serem feitas em casa; 27% marcaram a opção “às vezes”; 23% declararam que sempre as realizam e 17% marcaram a opção “raramente”.

O resultado acima enfatiza a resposta da questão três, que mostra que os alunos têm destinado poucas horas semanais para o estudo da língua inglesa. As tarefas para serem realizadas em casa ajudam no desenvolvimento de alguns atributos ligados à autonomia, como a autoconfiança, autoavaliação, responsabilidade, planejamento, atitude e outros, pois os alunos dependem basicamente de seu esforço e dedicação, tendo em vista que eles não têm o auxílio do professor em casa.

Além dos atributos mencionados acima, as estratégias de aprendizagem, principalmente as metacognitivas, têm grande importância para o desenvolvimento da autonomia e, portanto, para a aprendizagem da língua inglesa. 97% responderam que têm consciência da importância da utilização das estratégias para a aprendizagem da língua inglesa e 3% responderam que não. As estratégias são importantes, pois elas auxiliam os aprendizes no planejamento, monitoramento e avaliação do próprio processo de aprendizagem.

A questão vinte e um solicitou aos alunos que enumerassem, na ordem de prioridade, quem tem a maior responsabilidade pelo sucesso ou fracasso na sua aprendizagem da língua inglesa. 88% dos alunos afirmaram que, em primeiro

lugar, o aluno é o maior responsável. Constata-se que a grande maioria dos alunos afirmou que eles são os principais responsáveis pelo sucesso ou fracasso na aprendizagem da língua inglesa. Logo, é deles que deve partir a iniciativa de transformar o processo de aprendizagem em sucesso, e não em fracasso. Para isso, atributos como, atitude, responsabilidade, motivação, dedicação, autoconfiança, e tantos outros, são imprescindíveis nesse processo, pois assim, os aprendizes tornar-se-ão menos dependentes do professor.

A última questão perguntou o que é ser um aprendiz autônomo e, se os alunos consideram-se aprendizes autônomos. 47% responderam que não se consideram autônomos, 33% se consideram e 20% marcaram o item “em parte”. Na verdade, afirmar se um aprendiz é ou não autônomo não é o mais apropriado, pois a autonomia se manifesta em diferentes graus, e por isso, este trabalho refere-se ao seu desenvolvimento e não à sua aquisição.

Em geral, as respostas dos alunos referenciaram o aprendiz autônomo como aquele que busca o conhecimento fora de sala de aula, que não depende do professor e que aprende sozinho. Evidentemente, ser um aprendiz autônomo envolve muito mais atributos do que apenas estudar por conta própria, fora da sala de aula e sem auxílio de um professor. A autonomia está atrelada à atitude, responsabilidade, motivação, estilos de aprendizagem, uso de estratégias, autoavaliação, dentre muitas outras características. Cabe, portanto, ao aprendiz desenvolver cada um desses atributos, pois assim, estará contribuindo para sua autonomia.

Algumas respostas demonstraram que alguns acadêmicos são bastante dependentes do professor e que não compreendem realmente o que é ser um aprendiz autônomo. É certo que o professor tem influência no processo de aprendizagem do aluno e que também tem uma parcela de responsabilidade por ela. Entretanto, o aluno deve ter um comportamento mais ativo, pois nem sempre ele irá se deparar com professores altamente motivados, comprometidos e qualificados - e isso acontece por vários motivos. Dessa forma, deve crescer ainda mais a importância da autonomia do aprendiz, pois as chances dele obter sucesso serão muito menores se ficar apenas atrelado ao comportamento do professor.

## AS RESPOSTAS DOS PROFESSORES

A fim de obter maior precisão e confiabilidade nos resultados acerca do perfil dos acadêmicos, do contexto e do papel docente, os professores de língua inglesa também foram questionados. Para uma melhor organização dessa discussão, os professores participantes da pesquisa foram identificados com as letras A e B.

Na primeira questão, os professores responderam se os alunos do curso

de Letras Português e Inglês têm estudado o suficiente para aprenderem a língua inglesa. O professor A respondeu que não, mas acrescentou que há exceções. O professor B marcou o item “em parte”. Entretanto, ambos acreditam que os acadêmicos estão motivados em aprenderem a língua inglesa. O docente A adiciona que, embora a maioria dos alunos tenha vontade de saber a língua, eles não investem o suficiente na sua aprendizagem.

Com relação ao tempo destinado ao ensino de língua inglesa em sala de aula para a aprendizagem e prática da língua inglesa, os professores afirmaram que ele é suficiente em parte, dependendo do assunto. Isso denota a relevância do estudo complementar extraclasse. Conscientes disso, os professores afirmaram que propõem atividades para serem feitas em casa, além de incentivarem os alunos a estudarem os conteúdos, buscarem outras fontes de pesquisa e a realizarem pesquisas. Porém, de acordo com os respondentes, as atividades são feitas apenas às vezes. Nota-se que os alunos deveriam ter uma maior iniciativa e responsabilidade acerca da sua própria aprendizagem.

Conforme análise das respostas dos alunos, verificou-se que eles, em sua maioria, consideram-se dependentes dos professores para aprender um conteúdo/ assunto, o que vai ao encontro das respostas dos professores. Na opinião do professor B, em geral, os acadêmicos são dependentes. O professor A também respondeu que os alunos são bastante dependentes do professor, porém à medida que eles progredem de semestre, há uma libertação gradual em relação à figura do professor, principalmente por parte dos acadêmicos que estão atuando nas escolas da região como estagiários.

Observa-se, portanto, que os acadêmicos deveriam ser mais protagonistas e responsáveis pela sua própria aprendizagem, o que significa participar mais ativamente do processo de ensino junto ao professor. Um acadêmico, futuro professor, não deve ser apenas um coadjuvante, um receptor daquilo que é ensinado. A partir do diálogo, da interação, da troca de ideias com os professores, o aprendiz pode buscar mais conhecimento, tornando-se um sujeito ativo no processo de ensino.

Ambos os professores consideram que os alunos do curso de Letras Português e Inglês apresentam um baixo nível de autonomia. O professor A considera que os aprendizes não assumem uma postura autônoma, tendo em vista que, mesmo conhecedores das suas dificuldades e necessidades individuais, do esforço e dedicação que a aprendizagem da língua inglesa exige e, dos vários recursos tecnológicos existentes que podem auxiliá-los, os acadêmicos ainda dependem do insumo dos professores.

Por meio da discussão dos resultados, observou-se que embora os acadêmicos tenham consciência das suas necessidades, carências, e de que a

aprendizagem da língua inglesa requer grande esforço, dedicação, planejamento, autoconfiança, enfim, uma atitude autônoma, eles não têm exercido um comportamento compatível a essa situação. Apenas estar consciente não irá resolver nada senão houver ação. Segundo Leffa (2003, p. 14),

Pode-se talvez ensinar a autonomia, ou seja, ensinar alguém a ser autônomo, mas não ensinar autonomamente. O máximo que a escola pode fazer é dar condições de aprendizagem. Se houver necessidade de muito incentivo, motivação, súplica, implorar com lágrimas para que o aluno estude, acho que a aprendizagem ficará comprometida.

Portanto, é preciso que os acadêmicos mudem sua postura, sua atitude, e ajam efetivamente sem depender do insumo do professor ou da instituição, pois assim, eles estarão dando os primeiros passos rumo ao desenvolvimento da autonomia, e conseqüentemente, estarão contribuindo de forma significativa para a aprendizagem da língua inglesa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A aquisição de uma segunda língua é um desafio bastante árduo, complexo, e que exige um alto grau de empenho e dedicação por parte dos aprendizes, os quais devem se valer de todos os recursos possíveis para atingirem o seu objetivo. Nesse sentido, por meio deste trabalho, constatou-se que a autonomia é um recurso fundamental para a aprendizagem da língua inglesa, e que, portanto, deve ser desenvolvida pelos aprendizes.

Observou-se que os acadêmicos do curso de Letras Português e Inglês da UNIFRA se deparam com algumas adversidades que dificultam a aprendizagem da língua inglesa. Assim, a autonomia é extremamente relevante para o processo de aprendizagem dos acadêmicos, pois o estudo autônomo exige comprometimento, responsabilidade, planejamento, atitude, enfim, requer dos aprendizes uma postura diferenciada e ativa, o que os possibilita superar as dificuldades às quais defrontam.

Foi observado que o desenvolvimento da autonomia envolve muitos atributos, como: motivação, autoconfiança, responsabilidade, autoavaliação, utilização de estratégias de aprendizagem, múltiplas inteligências, estilos de aprendizagem, além de outros. Porém, o seu desenvolvimento somente dar-se-á com sucesso se houver atitude e comprometimento por parte do aprendiz.

Constatou-se que a maioria dos acadêmicos do curso tem conhecimento do próprio processo de aprendizagem, pois eles sabem quais são seus objetivos,

conseguem identificar suas carências e limitações, e têm noção do que é necessário para atingirem suas aspirações. Além disso, os alunos estão motivados a aprender a língua inglesa. No entanto, eles têm consciência de que para aprenderem a língua-alvo, precisam mudar suas atitudes e estudar ainda mais, tendo em vista as dificuldades inerentes ao seu aprendizado.

Pôde-se perceber que muitos fatores podem interferir positiva ou negativamente no desenvolvimento da autonomia, como a escola, os professores, as características do aprendiz, e tantos outros. Porém, verificou-se que os fatores negativos podem ser superados, principalmente, a partir da atitude do próprio aprendiz, ou seja, do comportamento que ele irá exercer diante dessas adversidades.

Foi averiguado que os docentes do curso de Letras estimulam o desenvolvimento da autonomia, na medida em que incentivam os alunos a fazerem pesquisa, a buscarem outras fontes de consulta, propõem atividades para serem feitas em casa, discutem com a turma como o conteúdo pode ser trabalhado, estimulam o uso de recursos tecnológicos como o computador e a Internet, entre outros.

Pôde-se verificar que, em geral, os acadêmicos do curso de Letras ainda são dependentes dos professores. Embora o perfil deles não indique um alto grau de autonomia, não significa dizer que eles estejam desinteressados ou que não estejam aprendendo. O que se sugere é que, desenvolvendo sua autonomia, os acadêmicos possam melhorar ainda mais o seu desempenho no processo de aprendizagem da língua inglesa. Além disso, os acadêmicos, futuros professores, ao ingressarem na rede de ensino, poderão incentivar seus alunos a tomarem atitudes mais autônomas, o que contribuirá de forma significativa para o processo de ensino e aprendizagem.

Por meio deste trabalho, pôde-se constatar que a autonomia é muito importante para a aprendizagem da língua inglesa, pois é uma forma dos acadêmicos suprirem suas necessidades e carências. Devido à relevância e complexidade do assunto, mais pesquisas ainda são necessárias. Assim, espera-se que este trabalho venha a contribuir para o processo de ensino e aprendizagem do curso de Letras Português e Inglês da UNIFRA, incentivando os acadêmicos a desenvolverem sua autonomia.

## **REFERÊNCIAS**

BROWN, H. Douglas. **Principles of language learning and teaching**. 5. ed. New York: Longman, 2007.

DICKINSON, L. Learner autonomy: what, why and how? In: LEFFA, V. J. (Ed.) **Autonomy in language learning**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. p. 2-12.

ELLIS, Rod. **The study of second language acquisition**. Oxford: OUP, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

HARMER, Jeremy. **How to teach English**. Edinburgh: Longman, 2007.

LEFFA, V. J. Quando menos é mais: a autonomia na aprendizagem de línguas. In: NICOLAIDES, Christine; MOZZILLO et al. (Orgs.). **O desenvolvimento da autonomia no ambiente de aprendizagem de línguas estrangeiras**. Pelotas: UFPEL, 2003, p. 33-49.

O'MALLEY, J. Michel; CHAMOT, Anna Uhl. **Learning strategies in second language acquisition**. Cambridge: CUP, 1990.

PAIVA, V. L. M. Autonomia e complexidade. In: LEFFA, V. J. (Ed.). **Linguagem & Ensino**. Pelotas, v. 9, n 1, p. 77-127, 2006.

\_\_\_\_\_. Refletindo sobre estilos, inteligências múltiplas e estratégias de aprendizagem In: PAIVA, V. L. M. O. (Org.). **Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007. p.11-30.

SCHARLE, Ágota; SZABÓ, Anita. **Learner autonomy: a guide to developing learner responsibility**. Cambridge: CUP, 2000.

\_\_\_\_\_. Identity, motivation, and autonomy from the perspective of complex dynamical systems. (UFMG/CNPq), 2009. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/publicacoes.html>. Acesso em: 12 jan. 2010.

WENDEN, Anita. **Learner strategies for learner autonomy**. London: Prentice Hall, 1991.